UFMG
MANUELZÃO
Saúde, Ambiente e Cidadania na Bacia do Rio das Velhas
_80 AGO/17

{ RIO DAS VELHAS, 1867 }

{ EDITORIAL }

TEMPOS TURBULENTOS

Estamos passando por grandes turbulências nos campos político, social e ambiental. Essas incertezas quanto ao futuro sempre nos deixam um sentimento de vazio e desesperança.

No campo político, a falta de ética e o vale tudo afastam os cidadãos da possibilidade de intervir em decisões que afetam o presente e o futuro de todos. Assim avanços históricos e conquistas sociais são 'saqueados' da noite para o dia sobre falsos argumentos de que a legislação impede o crescimento econômico, que a crise é fruto das mínimas garantias trabalhistas e não de um modelo que substitui mão de obra, da deficiência educacional incapaz de qualificar dignamente grande parte dos trabalhadores e da corrupção que impede que os recursos públicos cheguem aos serviços básicos de saúde, educação, segurança.

Neste momento assistimos também a perspectiva de mudanças na legislação ambiental, pois tramita no Congresso Nacional a Lei Geral do Licenciamento Ambiental, PL nº 3729/2004. Na reta final, em regime de urgência de votação na Câmara, com aval da Casa Civil, do Ministério do Meio Ambiente e dos parlamentares dito "verdes", o projeto segue para aprovação, travestido de moderno, mas de mãos dadas com o retrocesso. Em Minas Gerais temos a tramitação da alteração da Deliberação Normativa 74 que também altera profundamente o processo de licenciamento ambiental.

Em comum, tudo isso tem haver com a apropriação cada vez mais intensiva da natureza, como se ainda tivemos créditos e não débitos para com ela. Por outro lado, a Expedição pelo Alto Velhas demonstrou que a escassez hídrica é cada vez mais uma realidade e que já estamos pagando caro pela ganância humana.

De esperança nos resta lutar pela revitalização da política, do modelo econômico, do ambiente e da Bacia do Rio das Velhas, buscando criar uma política de convergência que nos afaste do caos.

03 EM DEFESA DE UM TERRITÓRIO

05 NAVEGANDO ONTEM E HOJE

06 UMA BACIA EM TRÊS TEMPOS

07 POR UMA NOVA REALIDADE

08 RIO DAS VELHAS, TE QUERO VIVO

18 E AGORA, O QUE FAZER?

20 COMUNIDADE SALVA CÓRREGO

22 POR QUE SUBCOMITÊS INCOMODAM?

COORDENAÇÃO GERAL Marcus Vinicius Polignano, Thomaz Matta Machado / CONSELHO EDITORIAL Marcus Vinicius Polignano, Lisia Godinho, Eugênio Goulart, Procópio de Castro, Renato Crispiniano / JORNALISTA RESPONSÁVEL & REPORTAGENS Renato Crispiniano, MTB 12541 / PROJETO GRÁFICO & DIAGRAMAÇÃO Lila Gaudêncio / ESTAGIÁRIA Ana Soares / CHARGE Luiz Prado / CAPA Johann Moritz Rugendas / IMPRESSÃO O Lutador / TIRAGEM 65.000 exemplares / ISSQN 2178 9363 / *É permitida a reprodução de matérias, desde que citados a fonte e o autor.*
Universidade Federal de Minas Gerais / Av. Alfredo Balena, 190, sl. 813, Belo Horizonte, MG | CEP 30130-100
(31) 3409-9818 / www.manuelzao.ufmg.br / www.facebook.com/manuelzao

EM DEFESA DE UM **TERRITÓRIO**

RODRIGO LEMOS
CARLA WSTANE

Defender as Bacias Hidrográficas e sua revitalização é buscar a construção de diferentes territórios, com diferentes identidades e uma diferente sociedade.

Diariamente utilizamos de diferentes palavras e expressões que são significantes de diferentes significados, ou seja, possuem uma variedade de interpretações e de conceituações que podem defini-las como sendo polissêmicas, de muitos significados. Isso não diminui os conceitos, não define que um é mais certo que outro, mas reforça que dependendo das lentes com as quais olhamos para as palavras, para nossas formas de expressão e mesmo a nossa sociedade vemos o que é de acordo com o que somos; olhamos e definimos dentro das nossas experiências e diferentes práticas de vida. Território, enquanto conceito, é um significante de muitos significados e pode ser entendido de diferentes formas por diferentes áreas de conhecimento e grupos sociais.

O território é um conceito fundamental para diferentes áreas de conhecimento, como a geografia, a antropologia, as ciências sociais e outras, e reflete as diferentes e desiguais relações de poder que permeiam a sociedade. O território, por vezes foi considerado como delimitação espacial necessária para provimento de recursos para a auto sustentação humana, ou ainda entendido como conjunto de atribuições jurídicas de controle do espaço, atualmente, há variadas concepções, mas é recorrente o entendimento do território como um conjunto de representações e valores sociais que delimitam relações de poder (HAESBAERT, 2004). Por isso, considera-se que o território é marcado por expressões materiais e simbólicas das relações de poder e que são articuladas em diferentes escalas e tempos, que influenciam diretamente a formação de nossos espaços de vivência e das nossas práticas cotidianas.

O território possui limites que podem ser percebidos a partir de diferentes representações sociais e variados grupos sociais. Em um mesmo espaço, diferentes relações de poder podem estabelecer diferentes limites territoriais: nessa medida, o território é uma expressão política da construção da nossa sociedade. Para o professor Marcelo Lopes de Souza (1995, p 78 – 79) "o território (...) é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder. (...) o verdadeiro Leitmotiv [do território] é o seguinte: quem domina ou influencia e como domina ou influencia esse espaço?". Rogério Haesbaert (2004, p 1) relembra ainda que o "território (...) tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional 'poder político'. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação. Para Haesbaert (2007) o território envolve ao mesmo tempo a dimensão espacial concreta das relações sociais e o conjunto de representações sobre o espaço ou o 'imaginário geográfico' que também move essas relações. Dessa forma, podemos pensar em outros limites territoriais que não os institucionais e de gestão. Assim é possível se pensar em territórios a partir das diferentes e desiguais relações de poder que se materializam espacialmente em nossa sociedade, como territórios minerários, ocupações urbanas, assentamentos agrários e diversos outros.

Para avançarmos na discussão referente ao conceito de território é necessário considerar que em um mesmo local diferentes forças (algumas explicitas, outras implícitas) interagem, se articulam, conflitam e lutam para a produção do espaço geográfico, conformando as formas e padrões de ocupação. Por isso, considera-se que existem diferentes posições e superposições territoriais que interagem e são responsáveis pela dinâmica territorial sobre uma mesma área: municípios, região metropolitana

OHANA PADILHA

ABRAÇO A CACHOEIRA DAS ANDORINHAS REFORÇA PERTENCIMENTO COM A BACIA DO VELHAS

e outros. Nessa perspectiva, como as águas se associam aos territórios?

Primeiramente, os cursos d'água são limites naturais responsáveis pela delimitação de diferentes fronteiras territoriais; comumente a divisa entre diferentes municípios é limitada por cursos d'água, assim como serras, montanhas e outros grandes marcos naturais da paisagem. Contudo, seria possível que a partir das águas possamos entender nosso território atual e construir outros territórios?

Ao olhar diferentes cursos d'água, muito se pode perceber da sociedade e de todo o território que se encontra à montante naquela bacia hidrográfica. Um curso d'água poluído, contaminado e doente reflete territórios desiguais, injustos nas suas formas de ocupação e ambientalmente insustentáveis. O inverso também é possível, ao perceber um curso d'água em excelente qualidade, com seu sistema ecológico equilibrado e com boa qualidade ambiental, sabemos que naquela bacia o território se mostra mais justo, mais equilibrado e ambientalmente mais sustentável. De uma forma, podemos pensar que as águas têm o poder de sintetizar o que acontece nos territórios inseridos em sua bacia hidrográfica.

Assim, as bacias hidrográficas, elementos naturais da paisagem, pode permitir que várias esferas da sociedade compreendam e interfiram no espaço de forma integrada e interdependente, não se limitando ao espaço físico da bacia hidrográfica, mas se estendendo ao território usado, conforme definido por Milton Santos: "O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar da existência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida". (SANTOS, 2007, p. 14)

Tal premissa revela um território que nos leva à reflexão sobre a complexa relação entre os processos sociais e o espaço físico, material, vivido e visível, nos forçando a compreender, de forma simultânea, o mundo social e o mundo físico. Quando em maior equilíbrio e de forma a conciliar de maneira justa diferentes formas de uso e ocupação (rurais, industriais, minerários, urbanos) o território se mostra mais sustentável, mais solidário e integrado. Defender os cursos d'água e a sua revitalização é antes de tudo defender a construção de diferentes territórios, com diferentes identidades e consequentemente de uma diferente sociedade. ◆

BRASIL. Lei nº 9.433, de 8 de janeiro de 1997. *Política Nacional de Recursos Hídricos*. Brasília, 1997.

HAESBAERT, Rogério. *Concepções de território para entender a desterritorialização*. In: SANTOS, M.; BECKER, B. Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo: Edusp. 2008.

NAVEGANDO **ONTEM & HOJE**

EUGÊNIO GOULART
/coordenador de publicações

Quatorze anos passam muito rápido, mas rápido do que previámos inicialmente. Na primeira Expedição do Projeto Manuelzão pelo Rio das Velhas e seus afluentes, em 2003, quanta coisa realizaríamos em um período de tempo como este, considerando nosso árduo trabalho cotidiano e sempre com uma equipe multiprofissional e dedicada? Fizemos tudo o que previámos? Está agora o Rio das Velhas despoluído, a oferecer aos usuários uma água limpa? Certamente que não! Fracassamos? Também não! A grande pergunta não é exatamente esta, "o que não conseguimos fazer"! O que seria do nosso meio -ambiente na ausência do Projeto Manuelzão e de outras entidades que lutam no dia a dia pela defesa da nossa natureza? Aí, sim, temos uma resposta segura, e com toda a nossa certeza: estaríamos muito, muito pior!

Estamos em 2017, repetindo mais uma Expedição pela calha do Rio das Velhas e seus afluentes. Será uma oportunidade importante para uma comparação com dados anteriores. Fizemos também navegações em 2006 e 2009. E temos muitos dados arquivados que nos permitirão avaliar, com segurança, alguma melhoria ou mesmo se ocorreu piora nas qualidades das nossas águas fluviais.

Em Ouro Preto, iniciamos as Expedições de 2003 e 2017 no Parque Natural Municipal das Andorinhas, sempre com a presença de centenas de convidados, e que continua como uma área de preservação ambiental importante, agora com uma sede para receber os visitantes. Todavia, as águas que drenam do Morro de São Sebastião, onde a cidade de Ouro Preto galgou a montanha e transbordou do vale do Rio Doce para o vale do Rio São Francisco, ainda necessitam de um tratamento de esgoto adequado.

Em seguida, o distrito de São Bartolomeu, ainda no mesmo município, que deu um bom exemplo e nos últimos anos construiu e pôs para funcionar uma Estação de Tratamento de Esgoto. Pudemos constatar que a área rural de Ouro Preto, por ser muito acidentada, ainda está com uma cobertura vegetal extensa e bem preservada. Porém, seus parques, por falta de funcionários e verbas, como a Floresta Estadual Uaimii, sofrem com a depredação, como a portaria em Brás Gomes, a mostrar um cenário degradante.

A cidade de Itabirito deu outro belo exemplo. Onde havia um terreno baldio, próximo ao centro urbano, foi inaugurado em 2008 o Parque Ecológico de Itabirito, nas margens do rio de mesmo nome. Antes uma várzea mal aproveitada e inóspita: agora, um parque linear de 45 mil metros quadrados, com lagoa, anfiteatro, centro de educação ambiental, mirante, mini-zoológico, ciclovia e pistas de caminhada. Cinco nascentes estão preservadas. Na recepção aos canoeiros de 2017, que neste dia remaram 13 quilômetros, várias centenas de alegres jovens itabiritenses lotaram o parque. Não seria muita pretensão afirmar que em 2003 o Projeto Manuelzão lançou uma semente, que rendeu belos frutos no local. O Rio Itabirito corta a região, com águas calmas e um trecho de perigosas corredeiras, e teve grande parte do esgoto que antes recebia, agora tratado em local apropriado, mas suas águas ainda carregam um pouco de poluição urbana. O histórico distrito de Acuruí, por onde passava a antiga Estrada Real, não sofreu grandes transformações nos últimos anos, sendo que o meio-ambiente agradece por isto! Continua a abrigar a única barragem construída até hoje no Rio das Velhas, mas bastante assoreada pela mineração e pela extração intensiva de areia na região.

Também várias cidades criaram áreas turísticas e administrativas em suas estações ferroviárias antigas e agora desativadas na sua função primeira, que era de transportar passageiros e minério de ferro. Itabirito e Raposos fizeram isto, assim como Rio Acima, sendo que esta última cidade ainda instalou uma Maria Fumaça para fazer pequenos trajetos, para deleite dos visitantes. A Expedição passou pela Estação de Bela Fama, que abastece a Região Metropolitana de Belo Horizonte com cerca de 20 metros cúbicos de água do Rio das Velhas por segundo.

Raposos, espremida entre morros, mas que sempre teve uma relação respeitosa com o Rio das Velhas, preservando parte das suas margens com matas ciliares, como constatado pelo Manuelzão em 2003. Trata parcialmente o esgoto urbano e executou obras de desassoreamento do leito do rio, porém muito lixo urbano é ainda é jogado diretamente no Velhas. Prova da eficácia das ações positivas é que uma cheia catastrófica não ocorre na cidade desde 1997. Por perto a Serra da Gandarela, com cerca de mil nascentes, sendo a caixa d'água natural da região, e que irá tornar-se em uma reserva ambiental.

Sabará ainda não fez o dever de casa, pois não consegue tratar o esgoto do seu aglomerado urbano e ainda o despeja no sofrido Rio das Velhas. Que ainda recebe mais uma agressão de BH e Contagem, com seu combalido Ribeirão Arrudas, que mesmo recebendo cuidados da Estação de Tratamento de Esgoto Arrudas, mostra águas ainda bastante sujas, deságuando no Bairro de General Carneiro.

Santa Luzia, que recebeu alguns quilômetros rio acima as águas do Ribeirão do Onça, parcialmente despoluídas pela Estação de Tratamento de Esgoto do Onça, também com esgotos de BH e Contagem, trata o rio com uma certa indiferença, pois já o recebe bastante e assoreado e com poluição humana e industrial. A água tem a cor escura, como em 2003, mas não são avistados com tanta frequencia os grandes blocos de espuma decorrentes da agregação de materiais tóxicos. Além disto, onde antes somente eram vistos urubus, hoje podem ser identificadas várias espécies de aves. Pequenos, porém importantes avanços. ◆

UMA BACIA EM **TRÊS TEMPOS**

Levar o rio das Velhas e sua rica história ao conhecimento da população foi a proposta da Exposição 'À Margem: água, cultura e território' realizada pelo Projeto Manuelzão em parceria com o Espaço do Conhecimento UFMG – em comemoração aos 20 anos do Projeto. Inaugurada em março, a mostra retratou a bacia em sua história, cultura e território e ficou aberta à visitação durante três meses. Neste período, mais de 10 mil pessoas viveram uma viagem ao universo da Bacia do Rio das Velhas e puderam experimentar as potencialidades hídricas e culturais da região.

A exposição teve como objetivo retratar o rio das Velhas em todas as suas singularidades, enfatizando tanto os problemas quanto as possibilidades do território. *"À Margem* é uma exposição que trabalha uma bacia em três tempos: como era, como é e como pode vir a ser", explica Lila Gaudêncio, uma das curadoras da mostra.

Através de fotografias, bordados, instalações, vídeos e obras de mais de 10 artistas, a mensagem passada remetia a um rio doente, mas que com a revitalização e ações positivas pode sobreviver. Imagens de degradação das águas urbanas se contrastavam, propositalmente, com paisagens paradisíacas em cidades interioranas da bacia. Essa diferença de realidades foi o foco da exposição, atentando para a possibilidade de coexistência saudável entre rios e cidades. Assim, ao propor essa reflexão aos visitantes, os produtores da exposição acreditavam na mudança de paradigmas internos de cada um, de forma que as novas percepções capazes de ser criadas a partir do contato com as obras ocasionariam em ações práticas e revolucionárias. Isso num entendimento de que a arte induz novos agenciamentos, impulsiona sujeitos a novas posturas diante do mundo e, principalmente, a novas relações entre todos que compartilham o território – a vizinhança, a cidade, a bacia hidrográfica.

Um amarrado de cordas entrelaçadas simulando afluentes que formam os cursos d'água foi o que mais chamou a atenção dos espectadores. O projeto expográfico, que traçou o mapa da bacia de forma lúdica, promoveu olhares curiosos de todos para a complexidade da formação do território do Velhas. Fotografias foram expostas ao longo das cordas, fazendo referência ao cenário de cada local geográfico. Dessa forma, foi possível visualizar os pontos mais e menos preservados da bacia e entender as relações ecossistêmicas que acontecem.

Moradores de diversas regiões da bacia do Velhas estiveram presentes para visitar a exposição e muitos se emocionaram com as obras. Odilon de Lima, ribeirinho e integrante dos "Amigos do Rio" contou que se sentiu representado por algumas imagens expostas e inspirado a conhecer o restante da bacia.

OLHARES

Belo Horizonte teve atenção especial na exposição. Além de estar inserida na Bacia Hidrográfica do Rio das Velhas, é banhada por duas importantes sub-bacias: a do Ribeirão Arrudas e do Onça. Grande parte desses mananciais, porém, são invisíveis aos olhos da população, por causa da canalização de seus leitos.

Durante toda a duração da exposição, eventos semanais aconteceram com temáticas relacionadas às águas urbanas. A discussão se fazia na ideia de que a apresentação desse tema possibilitaria uma reinserção da imagem dos rios no cotidiano das pessoas. Rodas de conversa, cafés colaborativos e cinemas caracterizaram os encontros, que reuniram ativistas, estudantes, professores e diversos setores da sociedade para repensar os rios urbanos. ◆

ESPAÇO DO CONHECIMENTO

POR UMA **NOVA REALIDADE**

Atualmente o ambiente urbano é o hábitat de mais de 50% da população mundial. E esse percentual deve aumentar consideravelmente nos próximos anos. As projeções da ONU estimam que em torno de 2025 a população urbana mundial, que hoje é de aproximadamente 2,5 bilhões, pode chegar aos cinco bilhões.

Diante desta realidade, vivenciamos nas cidades alguns dos mais graves problemas ambientais contemporâneos: as questões da água, do lixo, da poluição e do alto consumo de energia. A solução desses problemas depende de vontade política, práticas públicas e planejamento urbano, mas depende também, e essencialmente, da colaboração ativa de cada um dos cidadãos. Neste contexto, um dos desafios da arquitetura contemporânea é o de conseguir desmistificar esse assunto e desenvolver projetos urbanísticos valendo-se dos conceitos de arquitetura sustentável adaptados ao ambiente urbano e às condições locais de disponibilidade de materiais e mão-de-obra.

Atualmente, é possível construir no Brasil esse processo valendo-se de sistemas e materiais alternativos disponíveis no mercado da construção civil. Não se trata de alta tecnologia, sofisticada e cara, mas sim de soluções técnicas simples e acessíveis articuladas em projetos de arquitetura que têm como premissa conceitos de ecologia urbana e de planejamento ambiental. Esta proposta de convivência saudável entre o urbano e o ambiental, é uma das bandeiras do Projeto Manuelzão e se tornou realidade com a parceria realizada com o Instituto Izabella Hendrix, de Belo Horizonte. Professores e alunos da instituição se reuniram com a coordenação do Projeto e pensaram através de projetos de extensão, uma nova realidade para o ambiente urbano, através dos parques lineares.

MUDANDO CONCEITOS

Pensando em mudar essa realidade e no retorno à relação saudável com a natureza, sobretudo as águas, o Projeto Manuelzão e o Instituto Izabella Hendrix através da transdiciplinalidade iniciaram uma ação colaborativa por meio do curso de Arquitetura e Urbanismo. O objetivo foi propor mudanças na relação da cidade com os rios reconectando a população às águas urbanas. "A academia tem um papel fundamental na transformação social, já que é capaz de pensar soluções viáveis para o ambiente cotidiano", afirma a arquiteta e professora, Regina Costa. Para ela, só conseguiremos transformar a sociedade quando propusermos uma nova disposição para estes espaços. "Sem alternativas, não conseguiremos mudar a realidade de nossas cidades".

A parceria com a instituição consiste na orientação para um estudo prévio, em que os graduandos fazem o diagnóstico de áreas escolhidas e propõem alternativas para a revitalização destes espaços. As áreas abrangidas nestes trabalhos são os córregos urbanos próximos ao rio das Velhas. A metodologia do trabalho consiste em realizar a criação urbanística planejada para esses locais, contendo plantas, representações gráficas, diagramas, materiais possíveis de serem usados na implantação das propostas. "O trabalho busca levar o aluno ao conhecimento. Queremos que ele vá, encontre as pessoas, conheça os espaços de atuação e tome conhecimento de como é a realidade nesses ambientes", esclarece Regina.

PARQUE LINEAR

O Córrego Capão é um exemplo da presença de mananciais na região, percorrendo cinco bairros: Céu Azul, onde é encontrada sua nascente; Jardim Leblon; Lagoinha; Lagoa e Piratininga, desaguando no Córrego Vilarinho. Toda sua extensão corre em leito natural, sendo canalizado na Avenida Vilarinho. Há cerca de 40 anos, as águas do Capão eram limpas e era possível encontrar fauna silvestre vivendo nas redondezas. Essa realidade, porém, se tornou apenas uma memória. Hoje, o córrego é poluído e degradado, contendo áreas assoreadas e atrativas para animais peçonhentos. Muito dessa situação se deve à deposição de lixos e entulhos e despejo de esgoto in natura no curso d'água.

Foi observando essa situação diariamente que, Priscila Melo Rodrigues, arquiteta e ex-aluna do Izabella Hendrix, optou por focar seu trabalho de conclusão de curso na região do Capão. Exemplo dessa integração saúde, ambiente e arquitetura e relacionado à parceria entre o Manuelzão e o instituto, a graduada pôde relacionar sua pesquisa as propostas urbano-ambientais. "Pesquisei e descobri que naquela área existem muitos pontos de inundação. E todos os problemas estão interligados, desde a gestão pública, problemas sociais e ambientais", disse.

Assim surgiu a proposta de pensar um parque linear com 2,5 km de extensão que seria capaz de transformar a realidade local. Criar um circuito verde, trabalhar a recomposição da mata ciliar, despoluir o córrego e deixá-lo em leito natural, proporcionando lazer e convivência para os moradores. A construção de uma piscina pública, a elaboração de ciclovias – que abrangeriam todo o percurso do Capão –, a implantação de equipamentos de ginásticas e quiosques, além de um instituto de educação ambiental fizeram parte do projeto. O objetivo foi proporcionar a concepção de um novo elo entre a comunidade e o curso d'água, conscientizando-os das possibilidades de utilização daquele recurso. "As pessoas acham que canalizar o córrego é a melhor solução, pois não conseguem vê-lo como algo bom. Falta pertencimento". ◆

ANA SOARES

RIO DAS VELHAS, **TE QUERO VIVO**

Expedição volta a percorrer o Alto Rio das Velhas, oito anos após a navegação 2009; muito se percebeu de melhorias, mas ainda é preciso desenvolver ações definitivas e concretas para a revitalização do rio.

A exploração de um rio através de expedições não é novidade no rio das Velhas. Em 1867, Richard Francis Burton, percorreu o rio de Sabará ao oceano, passando pelo rio São Francisco. De lá pra cá, muito se fez para degradar o rio das Velhas e pouco para sua revitalização. Apesar dos gritos constantes do Projeto Manuelzão e das expedições anteriores (2003 e 2009) e das metas propostas, muito ainda precisa ser feito para que o Velhas volte a respirar.

Dando continuidade a essas propostas e com o intuito de demonstrar a atual situação do rio, onde a vida aquática ainda insiste em sobreviver, o Projeto Manuelzão e o Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Das Velhas realizaram de 28 de maio a quatro de junho de 2017, a Expedição 'Rio das Velhas: te quero vivo', que percorreu 107 quilômetros do Alto Velhas, da nascente, em Ouro Preto a Santa Luzia, na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Durante esses dias, foram muitos os desafios para os caiaqueiros, seis que desceram o rio em Ouro Preto. Segundo eles, a poluição por falta de saneamento e o assoreamento, são os principais fatores que demonstram a fragilidade do rio. "Encontramos aterramentos empurrando o rio para abrir espaços para construções nas áreas urbanas. Dragas ilegais que funcionam sem qualquer medo, minerando e poluindo o rio para retirar ouro e esgotos ainda são lançados sem tratamento. É inaceitável que isto ainda aconteça e que qualquer quantidade seja lançada no rio", afirma o caiaquista veterano, Ronald Carvalho.

Essa constatação do expedicionário é comprovada pelo Índice de Qualidade das Águas (IQA), indicador que avalia a contaminação dos corpos hídricos em decorrência de matéria orgânica fecal, sólidos e nutrientes medidos pelo Instituto Mineiro de Gestão das Águas (IGAM). Como revela o último relatório da instituição, realizado em 2016. Segundo o levantamento, as estações de monitoramento que demonstraram IQA "ruim" e "muito ruim" estão concentradas, principalmente na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Apesar desse quadro negativo, os navegadores também encontraram locais em excelente qualidade de água e que tem um grande potencial turístico natural, como trechos da nascente e do distrito de São Bartolomeu, ambos em Ouro Preto. De Itabirito a Rio Acima, caso o esgoto seja tratado e chegue a sua totalidade, também podem ser fomentados esportes como a canoagem e o ecoturismo geral.

"Mesmo com um saldo ainda negativo nas ações voltadas à preservação do rio das Velhas, a Expedição terminou atingindo seus objetivos" é o que ressalta o coordenador do Projeto Manuelzão, Marcus Vinícius Polignano. De acordo com ele, a navegação demonstrou que a poluição e os abusos contra o rio precisam acabar, pois ainda há água limpa e vida no Velhas. "Nosso rio nasce limpo e acaba sendo degradado por esgoto, lixo, assoreamento e mineração. Por isso, é urgente, que pensemos no rio como uma bacia, um resultado de água que vem de montanhas como a Serra da Moeda, do Gandarela e do Parque das Andorinhas, por isso precisamos olhar para o entorno. Essa é a grande lição trazida da expedição, esses locais precisam ser preservados com urgência", alerta.

A POPULAÇÃO

O envolvimento da sociedade na conservação e preservação das bacias hidrográficas e a necessidade de formas sustentáveis do modo de gerir esses espaços impõem atualmente a população responsabilizar-se e se identificar com seus mananciais. Implantar um sistema de gestão ambiental comprometido será a solução para os que pretendem melhorar a relação saúde/meio ambiente. Esse comprometimento exige mudanças profundas nas implicações diretas dos valores ambientais e se fazem na relação população/ambiente.

A Expedição propôs esse movimento e em todas as paradas reuniu um grande número de pessoas, estudantes, autoridades e ambientalistas num mesmo objetivo: salvar o rio das Velhas. De Ouro Preto a Santa Luzia, o que pôde ser visto foram manifestações de apoio e também protestos pela demora em ações de revitalização do rio e frustração pelo descaso com a qualidade das águas.

Em Ouro Preto, a professora Maria Lima Dias, revelou que já havia participado de outras expedições e desde 2009, aguardava um novo momento. "Estive aqui e me surpreendi com a garra daqueles que em 2009, desceram o rio e buscavam o melhor para nossas águas. Hoje, me surpreende mais uma vez e vejo que a esperança não se apagou, mas continua viva em todos. Mesmo com poucas melhorias, precisamos sempre lembrar o rio e salvá-lo".

Durante a expedição foram muitas as demonstrações de carinho com os canoístas e toda a equipe. Em Itabirito, cultura e educação ambiental se uniram no Parque Municipal da cidade. Escolas e população se uniram numa demonstração de compromisso com a revitalização do rio Itabirito e com ele a Bacia do rio das Velhas.

"Cuidar dos nossos rios deve ser uma agenda política da sociedade mineira, pois com a escassez de água que passamos e com a diminuição das águas na calha dos rios, precisamos sempre repensar o que estamos fazendo e como estamos maltratando nossas águas", disse o aposentado Mário Sergio Gui-

ITABIRITO RECEBEU A EXPEDIÇÃO DE BRAÇOS ABERTOS E CLIMA FESTIVO

marães que acompanhado de sua neta, a ensinava a respeitar o rio Itabirito e, como ele, é importante para a cidade.

Já em Santa Luzia, a dona de casa, Fátima Maria Gonçalves, 52 anos, mãe de quatro filhos e três netos, comentou que já havia nadado no rio das Velhas e agora ao vê-lo poluído sentia muita tristeza. "O rio é histórico para todos nós. Já nadei e brinquei muito na beira deste rio. Minha mãe lavava roupas ás margens dele e nós a esperávamos brincando e molhando nossos pés", disse saudosa.

"Fico triste em vê-lo hoje, mas sei que com as Expedições e o alerta dado à população iremos pelo menos mudar um pouco a realidade de poluição e morte do rio. Tenho esperança e confio muito no trabalho do Projeto Manuelzão e em tudo que já fizeram e fazem pela revitalização do rio das Velhas. Espero que nossas crianças sejam capazes de mudar essa história", comentou.

UNIDADE MÓVEL

O Centro Itinerante de Educação Ambiental do Projeto Manuelzão/UFMG integra ciência e mobilização, levando para todas as comunidades da bacia do rio das Velhas o conhecimento ambiental e o interesse pela natureza preservada. Através da utilização da Unidade Móvel é possível fazer o deslocamento para qualquer ponto da bacia envolvendo as comunidades ribeirinhas e cerca de 1.600 escolas públicas existentes nos 51 municípios.

O objetivo deste trabalho é divulgar pesquisa, mobilizar e capacitar a sociedade, visando oferecer condições básicas necessárias para que elas possam trabalhar de forma organizada e planejada na proteção, recuperação e conservação dos recursos hídricos. A Unidade Móvel atende às escolas públicas e privadas do ensino fundamental e ensino médio e a diversas instituições que querem levar esse conhecimento aos seus funcionários.

São três os estandes que abordam temas educativos de forma interativa, a disponibilidade de água no planeta – balões com água e sedimento que demonstram as principais características de cada ambiente: o natural, o alterado e o impactado; impacto das atividades humanas – utilização de maquete do rio das Velhas com suas principais atividades sócio econômicas; Biomonitoramento – utilização de banners, uma coleção de macroinvertebrados bentônicos e peixes do rio das Velhas.

Esse trabalho facilita a abordagem de conceitos ambientais, através do lúdico e da interatividade. O foco é a importância do trabalho de sensibilização junto à comunidade, em que equilíbrio ambiental e bem estar social passam a ser entendidos pela sociedade como uma nova forma de qualidade de vida, através da mudança de mentalidade. Transmitir conhecimentos para a sociedade é uma forma de unir a ciência com a pesquisa, transformando-as em vivência, através da Educação Ambiental.

Na Expedição Rio das Velhas - te quero Vivo, a Unidade Móvel realizou a exposição em seis municípios e atendeu aproximadamente 2.000 pessoas, entre alunos de 27 escolas públicas e a comunidade de modo geral.

CULTURA

A identidade de um território se reconhece pelas marcas impregnadas a partir dos processos naturais e dos processos culturais que se desenrolam sobre ele ao longo da história. Natureza e Cultura compõem assim a identidade de um território. Pode-se dizer que o conjunto composto pelo patrimônio ambiental e cultural, ambos no sentido literal de cada respectivo termo, confere a um território o que se pode reconhecer como a sua essência, ou a aura que o caracteri-

za. Uma das coisas que mais se destacaram durante a Expedição, foi a tradição da rica cultura do Alto Velhas. Em cada parada, as comunidades mostraram que a arte é viva em todas as localidades e municípios da região.

Em Ouro Preto, o Zé Pereira dos Lacaios, bloco tradicional do Carnaval da cidade, fez a abertura da expedição. Com 150 anos de existência, é o bloco mais tradicional do carnaval da cidade. Fundado por um português chamado José Nogueira Paredes, em 1846, abriu o primeiro dia de Carnaval do Rio de Janeiro. Em 1867, José mudou-se para a cidade de Ouro Preto, para trabalhar no Palácio do Governo (Ouro Preto era então capital de Minas Gerais). Foi então que surgiu o Bloco Zé Pereira Clube dos Lacaios, organizado por funcionários do Palácio.

Em Itabirito, a cultura local foi apresentada de diversas formas, mas a Fanfarra da Escola Municipal Laura Queiroz, se destacou pela simpatia das crianças e pela harmonia dos acordes musicais tocados. A Fanfarra faz parte de uma das oficinas da escola integral e é composta por alunos do 1º ao 5º ano, de 7 a 14 anos. "Uma oficina que vai além da musicalidade, mas busca fortalecer a convivência social das crianças e os laços de amizade entre elas", afirma a professora Maria Luiza Rosa, maestrina do grupo. Para ela, Itabirito avançou muito no tratamento do saneamento básico. "Ainda temos muito a fazer pelo nosso rio. Precisamos mobilizar toda a população. Momentos como esses são fundamentais para que todos conheçam a realidade da Bacia".

Outra fanfarra que também se destacou durante a expedição foi a de Sabará, um grupo formado por jovens estudantes com cerca de 40 instrumentistas. A Fanfarra CAIC é regida pelo professor Luiz Antão. "A fanfarra é formada por vários instrumentos e nosso grupo quer com todos os amigos e parceiros receber com alegria nossos caiaqueiros e lembrar a importância do rio das Velhas para nossa cidade", disse o professor.

PERCEPÇÕES

Considerar os conhecimentos e anseios da população é uma estratégia fundamental para o sucesso e suporte às intervenções a serem realizadas. Assim, mais do que conhecer a realidade ambiental do Alto Rio das Velhas, a Expedição 2017 permitiu entender um pouco mais sobre o imaginário das pessoas e as ações coletivas e individuais que afetam a bacia.

Uma equipe do Grupo de Educação e Mobilização (GEM), do Projeto Manuelzão realizou durante a navegação, uma coleta de dados através de um questionário sobre as percepções dos moradores locais. Foram entrevistadas 107 pessoas. Aproximadamente 72% dos entrevistados tem conhecimento sobre o rio das Velhas, seja na passagem do rio pelo município onde reside ou em outras localidades da bacia. Alguns moradores mais antigos, principalmente aqueles com mais de 40 anos, relataram que no passado pescavam e nadavam no Velhas, atividades que não realizam mais com a mesma frequência, devido ao atual estado de degradação em alguns trechos do curso d'água. Entretanto, mesmo com a mudança de alguns usos tradicionais, todos os entrevistados consideram o rio fundamental.

Dentre os vários aspectos abordados pela pesquisa, a maioria enfatizou a

FOTOS: ANA SOARES

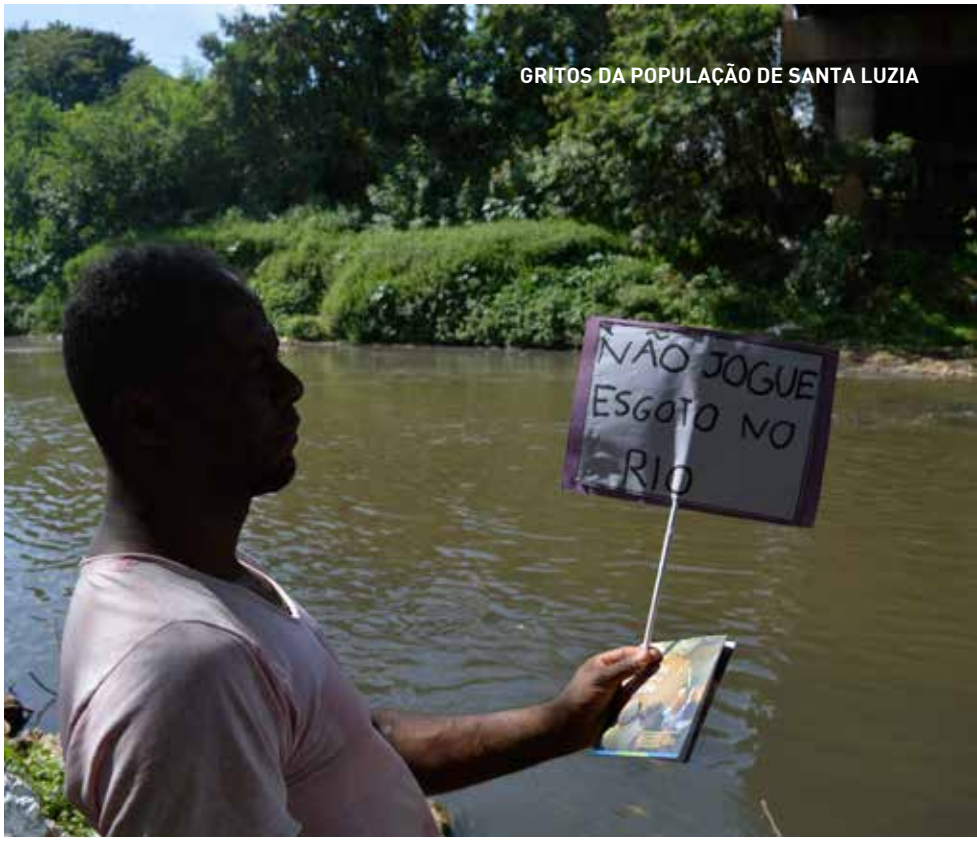
importância do rio para a sobrevivência humana, o hábitat de peixes e a manutenção da umidade relativa do ar. Do ponto de vista econômico, ressaltaram a pesca pelas comunidades ribeirinhas e o uso das águas em atividades agropecuárias e minerárias. A importância cultural, histórica, de lazer e até mesmo sentimental foram menos citadas, mas demonstram a multiplicidade de valores do rio.

Para as pesquisadoras, a constatação da situação do rio é fator crucial para averiguar se ainda são dominantes as ações de degradação ou se ao longo do tempo houve melhorias ambientais significativas. Nas últimas décadas, mesmo com a construção de Estações de Tratamento de Esgoto (ETEs) e o retorno de algumas espécies de peixes devido à diminuição da poluição em alguns pontos mais críticos da bacia, cerca de 69% dos entrevistados consideram que o rio piorou. A diminuição da quantidade de água foi o aspecto mais citado, seguido pelo aumento da quantidade de resíduos sólidos no rio e lançamento de esgoto. O que indica que, na percepção dos entrevistados, a criação de ETEs tem ainda pouca efetividade sobre o grave problema da presença de esgoto nos cursos d'água, uma vez que o crescimento urbano desordenado e suas consequências são superiores e mais intensas em comparação à adoção de medidas de tratamento dos efluentes domésticos e industrial, revela a pesquisa. Por outro lado, ela também revelou que 27% dos entrevistados perceberam melhorias, e destacou-se como resposta o aumento da limpeza do rio, tendo como indicativos a diminuição de resíduos sólidos e a turbidez, além da redução do lançamento de esgoto.

Assim, ainda que de maneira oposta e aparentemente contraditória, percebe-se certa semelhança em alguns dos determinantes responsáveis pela recuperação ou degradação do rio. O restante dos entrevistados, cerca de 4%, declarou não identificar mudanças ao longo do tempo, tendo como exemplos principais a permanência dos eventos de enchentes e a presença de lixo. Mesmo havendo algumas melhorias ambientais na bacia, especialmente nos últimos 20 anos, a maioria dos entrevistados considera que a melhoria no saneamento básico é a ação mais urgente a ser tomada. ▶

FOTOS: ANA SOARES

O ALTO VELHAS ESTEVE EM FESTA PARA RECEBER OS CANOÍSTAS



GRITOS DA POPULAÇÃO DE SANTA LUZIA

PORTA-VOZ DO RIO

"Estamos muito voltados para as ruas e não para os rios."
{ Ronald Carvalho }

Os canoístas Erick Sangiorgi e Ronald Guerra já viveram outras experiências de imersão no Rio das Velhas e participaram das edições anteriores das Expedições. Roninho, 57, é coordenador do Sub-Comitê Nascentes e foi canoísta na "Expedição Manuelzão Desce o Rio das Velhas", em 2003 e na "Expedição pelo Velhas: encontro de um povo com seu rio", em 2009. Erick, 45, é aquicultor e mobilizador social pelo Projeto Manuelzão, navegando pelo Velhas na Expedição de 2009 e nas mini Expedições pelos afluentes. Eles contam um pouco sobre o que viram ao navegar o Alto Velhas, traçando um panorama comparativo entre as três jornadas.

Quais foram as maiores dificuldades da navegação deste ano?

A maior dificuldade, definitivamente, é o contato com as águas poluídas. À medida que vamos descendo o rio, maior é a proximidade com a poluição e maior se torna o risco de contaminação, devido às fortes corredeiras que podem virar o caiaque. Além disso, podemos enfatizar que a crise hídrica dificultou a navegação. Este é o quinto ano com pouca chuva e, consequentemente, baixo nível d'água. Assim, as árvores e pedras ficam mais aparentes, representando armadilhas naturais, e o caiaque começa a encalhar no fundo do rio, fazendo com que tenhamos que arrastá-lo durante um longo percurso.

E as impressões mais marcantes?

Podemos fazer uma divisão das impressões positivas e negativas. Primeiramente, percebemos muitas melhorias. Por exemplo, a quantidade de lixo no rio, depois que houve a retenção do Lixão do Galo, reduziu muito. Nós passamos por ele e percebemos que a natureza já está voltando e tomando conta do local. Além disso, a diversidade da fauna aumentou, podendo ser encontradas várias espécies de aves e peixes em regiões onde não havia vida. Vimos capivaras, peixes enormes e muitos pássaros silvestres.

Os pontos negativos, por sua vez, ainda são preocupantes. A quantidade de esgoto no rio, apesar de ter diminuído, ainda deixa a região metropolitana com um leito negro, fétido e sem peixes. Rio não é lugar de esgoto nenhum, tem que ser tratado 100% urgentemente. Outro grande problema continua sendo a retirada de águas do Velhas pela COPASA que, para abastecer Belo Horizonte, utiliza mais da metade da vazão do rio e, após o tratamento, devolve essa água em forma de passivos ambientais. Assusta-nos muito a incapacidade pública e social de resolver estes problemas e proporcionar a revitalização efetiva do rio das Velhas.

O que pode ser comparado com as Expedições de 2003 e 2009?

Fazer a Expedição em 2003 foi um desafio muito maior, pois quase não havia políticas públicas para revitalização de rios. Apesar de termos visto muitas melhorias na jornada de 2017, sobretudo no Onça e no Arrudas, os pequenos córregos que deságuam no Velhas, que antes eram limpos, hoje estão contaminados. O esgoto sai da Bacia do Arrudas e invade outras, indo para esses pequenos afluentes.

Quando analisamos o percurso desde 2009, a situação do Baixo e do Médio Velhas piorou muito: há menos água e mais poluição. Mesmo com a instalação de Estações de Tratamento de Esgoto (ETEs), ainda há muitos substratos e efluentes lançados no rio. Além disso, a quantidade de resíduos de construção civil no leito é impressionante! Não havia isso em 2003 nem em 2009. Na prática, o que vemos é que avançamos muito pouco na limpeza do rio e ainda menos quando se trata de programas que buscam manter a água por processos de infiltração no subsolo, sobretudo nas áreas de contribuição.

Quais deveriam ser as ações concretas para a revitalização do rio das Velhas?

Existem dois melhores caminhos: assegurar a oferta de água e investir no saneamento básico. Revitalizar é garantir infiltração nas áreas de contribuição, proteção de nascentes, manejo adequado do solo, planejamento urbano e compatibilização dos processos de mineração que impactem menos – barragem de rejeitos não dá mais! Além disso, o foco do saneamento urbano tem que estar voltado para o tratamento de esgoto, abastecimento de água – ênfase na destinação adequada dos resíduos do tratamento de água -, drenagem urbana e políticas de gestão de resíduos sólidos.

Fica um sentimento de frustração?

Ficamos frustrados, sim, mas não pelas mudanças que ainda não ocorreram. A frustração está na falta de empenho político, em resolver as questões ainda pendentes. A Mundo Mineração, por exemplo, é uma chaga aberta no rio das Velhas. O Governo diz que vai tomar medidas para resolver os problemas relacionados a esta mineradora, mas quando passamos por lá, percebemos que tudo está igual. O que nos deixa animados para continuar a remar é a energia que recebemos das crianças, dos companheiros de trabalho e da natureza. Percebemos que o rio está aguardando as condições para sobreviver e repovoar. Mas até quando?

{ DIÁRIO DE BORDO }

ANA SOARES

OHANA PADILHA

1º dia / São Bartolomeu & Acuruí
A força das águas puras

A Expedição começa com tudo. Às 6 horas da manhã, todos de pé para o início da navegação. Canoístas se preparam para o grande momento, a primeira entrada nas águas do Velhas, em São Bartolomeu, distrito de Ouro Preto. Inicialmente eram seis caiaqueiros: Ronald Guerra, coordenador-geral do Subcomitê de Bacia Hidrográfica Nascentes (SCBH Nascentes) e integrante do Projeto Manuelzão; Erick Sangiorgi, aquicultor e mobilizador social do Projeto Manuelzão; Rodrigo de Angelis, coordenador de comunicação do CBH Rio das Velhas; Rafael Gonçalves, vereador de Raposos e voluntário pelo SCBH Águas do Gandarela; Elias Nogueira, estudante de Engenharia Mecânica e voluntário do CBH Rio das Velhas e Leandro Durães, engenheiro ambiental voluntário do Projeto Manuelzão. O último citado, quando estava pronto para entrar no rio, não soube medir sua força e teve uma distensão muscular no ombro, ficando impossibilitado de navegar. A saída estava marcada para as 7 horas, mas, como a equipe é extensa, ocorreram imprevistos e atrasos e os expedicionários caíram n'água às 8h30min. Moradores do vilarejo se reuniram na ponte sobre o Velhas para prestigiar os navegantes.

As equipes do Projeto Manuelzão e do CBH Rio das Velhas se dividiram, parte acompanhou a travessia por água e a outra ficou responsável pela mobilização na cidade. A "equipe água" acompanhou o trajeto dos canoístas o tempo todo, esperando-os em cada parada para descanso e alimentação. Rafael e Elias, os mais jovens, sentiram mais dores e dificuldade para finalizar o percurso – Rafael não aguentou e saiu do rio após cerca de 4 horas remando, nos acompanhando por terra. Era visível o desgaste físico e mental do caiaqueiro, que narrou a experiência com encanto, mas receio para

o dia seguinte.

No final da tarde, todas as equipes se encontraram em Acuruí, distrito de Itabirito, na praça principal e aguardaram a chegada dos canoístas.

2º dia / Acuruí & Itabirito

Reconhecendo as águas

A terça-feira (30) amanheceu fria, mas como todo início de Expedição, as águas claras e preservadas renovaram a força dos navegantes. Como o trecho era mais curto que o do dia anterior – 12 km –, os canoístas aproveitaram a manhã para conhecer áreas do Velhas que não seriam navegadas. Uma grande corredeira próxima à cidade de Itabirito despertou o desejo de descida, mas para poupar os caiaqueiros mais inexperientes, foi evitada. O som forte das águas era como um grito do rio: "Estou aqui, vivo e forte". Teias de aranha tomavam conta da copa das árvores, que, unidas à neblina, tornavam a paisagem nórdica.

Em torno de 10 horas da manhã, o céu se abriu e mostrou o azul intenso do céu, simbolizando a hora de começar a navegação. Em uma ponte mais adiante, os preparativos se iniciaram: caiaques foram plotados com adesivos da Expedição e as roupas apropriadas foram vestidas. A entrada no rio, porém, foi mais demorada, devido ao relevo íngreme e a densa vegetação nativa que circundava o leito. Enquanto a equipe de apoio auxiliava os canoístas, framboesas foram encontradas escondidas em meio às árvores e alimentaram uma parte do grupo.

Após alguns quilômetros de percurso, uma barragem da COPASA impediu a continuidade da navegação. Uma imensa cachoeira se formava e os canoístas foram obrigados a descer dos caiaques e percorrer uma parte do trajeto por terra. Mais adiante, os canoístas entraram novamente no rio e continuaram o trecho até Itabirito.

No Parque Ecológico da cidade, a mobilização acontecia desde cedo. Órgãos públicos, ONGs e escolas estiveram presentes para receber a Expedição. A exposição do Projeto Manuelzão introduzia temáticas de educação ambiental para os participantes e um varal de fotos do rio das Velhas ilustrava o potencial hídrico e grandioso do rio.

Os canoístas foram recebidos com festa por todos, que se reuniram na ponte do Parque para vê-los finalizarem o trecho. Escoteiros, representantes do SAAE Itabirito e bandas saudaram os expedicionários que, após esse primeiro momento, conversaram sobre suas impressões do rio. Contaram sobre a preocupação com o nível das águas que, devido à urbanização e aos intensos empreendimentos minerários, estão com a vazão reduzida. Além disso, esta parte do Velhas já é considerada como Classe 2, ou seja, sua qualidade é inferior.

3º dia / Itabirito & Rio Acima

À beira do rio

No amanhecer de quarta-feira (31), os canoístas partiram para mais um dia de Expedição. Acreditem ou não, mas a saída do hotel foi antecipada pela equipe que já previa atrasos. Não deu outra: a antiga estrada que ligava Itabirito a Rio Acima, por onde os navegantes precisariam passar para chegar ao rio, estava fechada por uma porteira de ferro que continha uma placa com os dizeres "propriedade particular, proibida a entrada de pessoas estranhas". Uma estrada pública e imprescindível para o acesso fora privatizada. Roninho, indignado, entrou na propriedade em busca do responsável. Após conversar com o fazendeiro, a porta foi aberta e os expedicionários puderam continuar o trajeto. Quando chegaram à beira do rio, foi perceptível o interesse do proprietário ao fechar aquele trecho: mesas, bancos e tendas de bambu estavam armados na clareira próxima à água, simbolizando o uso daquele espaço para encontros particulares.

Uma corredeira forte e uma pequena cachoeira de águas cristalinas compunham a paisagem paradisíaca do local de entrada dos canoístas. Apesar dessa beleza, já era percebido o mau cheiro, uma vez que esse ponto se localiza após a foz do rio Itabirito e recebe esgoto da cidade. Em Itabirito, o SAAE local já trata 70% do esgoto. Além disso, para a surpresa dos canoístas, foi observada uma mineração de ouro com draga, no leito do rio, que, após a fuga de um funcionário ao avistar os "visitantes", foi constatada como irregular.

Após a entrada dos canoístas na água, a Equipe Terra seguiu o leito para fazer registros e, caso necessário, auxiliar o resto do grupo. Leandro Durães, que já conhecia a região, mostrou uma trilha de cerca de 20 minutos que seguia até um mirante, onde era possível visualizar o Velhas. A espera pela passagem dos expedicionários foi contemplativa. A comunicação via rádio facilitou a preparação para as filmagens e fotografias, visto que a Equipe Água avisava sua aproximação.

Neste trecho, o encontro do rio do Peixe com o rio das Velhas é marcado por uma cachoeira. O rio ainda possui águas de boa qualidade e se mantém preservado. Os canoístas, antes de seguirem o trajeto, pararam para descansar e se refrescar nessas águas limpas. A pausa, porém, foi interrompida após Rafael, devido à força da queda d'água, virar seu caiaque. Um de seus companheiros o ajudou a emergir, mas esse imprevisto impossibilitou sua continuidade na navegação, tendo que ser resgatado em um ponto próximo.

Em Rio Acima, a comunidade também aguardava a chegada dos expedicionários. A mobilização na cidade contou com a presença do Movimento pela Preservação da Serra do Gandarela, que realizou oficinas de pintura e de educação ambiental. As escolas convidadas

pelo Projeto Manuelzão participaram do evento e promoveram um sarau para prestigiar os recém-chegados, com poemas, textos e músicas autorais com temáticas relacionadas à água.

Após o momento de conversas e apresentações, os presentes marcharam rumo à Cachoeira do Sansa para realizarem um abraço simbólico no local. Essa beleza natural tem cerca de 6 metros de altura e é localizada no centro de Rio Acima. Infelizmente, as águas são poluídas.

4º dia / Rio Acima, Honório Bicalho & Raposos
Enfraquecimento hídrico

A proximidade com os centros urbanos é sentida, além da alteração da qualidade das águas, pela mudança do clima nos locais da Expedição. Enquanto as manhãs eram frias e frescas nas cidades a montante, agora, já são quentes e abafadas, muito devido à poluição atmosférica nessas regiões.

O trajeto dos canoístas foi iniciado na mesma praça em que desembarcaram no dia anterior e duraria em torno de 8 horas, percorrendo cerca de 22 km do rio das Velhas. O destino final era a cidade de Raposos, mas os expedicionários fizeram duas paradas ao longo do trecho, uma em Honório Bicalho e outra na ETA da COPASA, em Bela Fama – ambas em Nova Lima.

Partindo às 8h30min, a primeira parada para descanso foi no bairro Santa Rita, em Rio Acima, onde dois moradores esperavam a chegada dos canoístas. Um deles, Jean Carlo, esteve presente na Expedição Manuelzão Desce o Rio das Velhas, em 2003, e contou, com indignação, a falta de mudança da qualidade de vida de seu bairro, quando foi prometido para a comunidade que o tratamento de água de Honório Bicalho se estenderia até lá. Neste local também foi encontrado um cano jogando esgoto in natura direto no rio.

Após algumas horas de navegação, por volta das 11 horas da manhã, os caiaqueiros encontraram a mobilização em Honório Bicalho e, mais uma vez, conversaram com os presentes sobre o rio. As crianças das escolas convidadas eram as mais animadas para receberem a equipe e aguardavam ansiosas na ponte do local. Nesse momento, a participação da COPASA marcou o evento. Uma apresentação de teatro oficializou a saída dos canoístas rumo a Bela Fama.

A Estação de Captação e Tratamento de Água da COPASA foi o último ponto de encontro antes do final do trajeto de quinta-feira (1º). Lá, foi possível perceber a potência da companhia de saneamento: a ETA parecia uma cidade, com vegetação, estradas e enormes edifícios; a barragem apresentava uma cachoeira de 5 metros de altura e os canos de transporte da água para as estações de tratamento e para as cidades atendidas, cobriam uma grande parte da serra. Roninho já se queixava da falta de água no manancial e uma das causas é conhecida: a COPASA capta, em média, 6,5m³/s de água do Velhas, enquanto sua vazão gira em torno de 10m³/s – ou seja, mais da metade das águas do rio são utilizadas para abastecer 70% de Belo Horizonte e Região Metropolitana.

Às 17 horas os canoístas chegaram a Raposos e a população os recebeu de forma especial, muito porque um dos caiaqueiros é vereador e morador da cidade. Rafael Gonçalves tem 31 anos e é professor, vereador, integrante do Subcomitê Águas do Gandarela e fundador da Casa de Gentil – casa de cultura popular que atende crianças e adolescen-

ANA SOARES

ESTUDANTES DE RIO ACIMA RECEBERAM A EXPEDIÇÃO

tes da antiga vila de mineradores do município. Um cortejo do Bloco Água Boa, que é composto por alunos da Casa Gentil, iniciou a festa para saudar os expedicionários. O evento ainda contou com falas do prefeito e de outros vereadores de Raposos, além de relatos dos canoístas sobre o trajeto.

5º dia / Raposos & Sabará
O rio sem porto

Mais um dia de navegação e os canoístas se preparam para percorrer 14 km entre Raposos e Sabará. O trecho, por se localizar depois da captação de Bela Fama, possui vazão reduzida e, as águas que restam, são poluídas.

Por ser um trajeto relativamente curto, a programação na cidade de destino foi iniciada um pouco mais cedo – por volta das 13 horas – e ainda contou com a participação de alunos do curso de Geografia da PUC Minas. Élio Domingos, geógrafo do CBH Rio das Velhas, fez uma espécie de aulão público para os jovens, enquanto um palhaço divertia as crianças das escolas convidadas.

O encontro aconteceu na Praça de Esportes, em Sabará, que margeia o Velhas e o Ribeirão Caeté-Sabará. Um dos presentes foi o aposentado Mário Eustáquio Vaz, morador da cidade desde a década de 1950, que se lembrou de outra realidade hídrica. "O Rio das Velhas tinha quatro vezes mais água do que se vê atualmente. Antigamente, nós nadávamos no rio e ainda víamos barcos a motor navegando por aqui". Reforçando a fala do morador, Marcus Vinícius Polignano, coordenador do Projeto Manuelzão, contou para os participantes sobre a Expedição de Richard Burton pelo rio das Velhas, há 150 anos – Burton saiu de Sabará e percorreu o rio até sua foz no São Francisco, onde continuou a viagem até o Oceano Atlântico. Nos relatos do navegador inglês, o rio possuía, em Sabará, 108 metros de largura e havia a pretensão de se instalar um porto de embarcações a vapor que sairiam da cidade mineira e navegariam até o rio São Francisco. "Hoje, só caiaques conseguem navegar aqui", diz Polignano, com tom de lamentação.

A chegada dos caiaqueiros foi festejada ao som de uma fanfarra. Após conversas com a população, as crianças se reuniram ao redor dos expedicionários para pedirem autógrafos e fazerem perguntas. Um lanche coletivo finalizou a programação em Sabará.

6º dia / Sabará & Santa Luzia
O rio do choro

Último dia de navegação. A emoção está à flor da pele. Os canoístas e seu último momento nas águas; mobilizadores e os respiros com a população; Equipe Água e a tristeza do fim da Expedição em águas tão poluídas. Assim amanheceu o sábado (2) que, apesar da alegria dos expedicionários, refletia a fraqueza do rio.

Mais uma vez na Praça de Esportes, os canoístas Erick e Roninho embarcaram em mais um trecho do rio das Velhas. Haveria apenas dois pontos de encontro com os navegantes antes da chegada à cidade de Santa Luzia – trajeto de 25 km que duraria cerca de 8 horas. O primeiro contato com os caiaqueiros ocorreu na foz do ribeirão Arrudas com o rio das Velhas, onde era perceptível o potencial poluidor do ribeirão. Suas águas negras se misturavam às águas minimamente saudáveis do Velhas e se tornavam uma substância só – mau cheirosa e morta. O segundo, por sua vez, aconteceu embaixo de um viaduto próximo à Belo Horizonte, onde os alunos da Escola Municipal Governador Ozanam Coelho aguardavam com faixas e gritos ensaiados, a passagem dos caiaqueiros. Rafael Gonçalves, neste local, decidiu cair n'água com os companheiros. Seguiram, os três expedicionários, para sua última navegação juntos.

Este trecho pode ser chamado de "rio do choro", pois não só a equipe da Expedição chorou pelo rio, mas as próprias águas choram por si. Rafael não aguentou ver o rio das Velhas daquele jeito, tão poluído e com pouca vida, e pediu para sair. A Equipe de Apoio o resgatou em um ponto próximo à Santa Luzia e seguiu para a cidade.

Em Santa Luzia, a mobilização já acontecia e, em parceria com a prefeitura, um grande evento foi realizado para receber os canoístas e abrir a Semana do Meio Ambiente. Apresentações musicais, teatros, danças e rodas de capoeira fizeram parte da programação.

7º dia / Águas Gerais & Praça da Liberdade
E toda a cidade é d'Oxum

No sábado (3), uma parte da equipe passou a noite em Sabará, mas no domingo (4) pela manhã, partiram para o evento de finalização da Expedição "Rio das Velhas, te quero vivo". O evento Águas Gerais, na Praça da Liberdade, marcou o final desta semana de navegação e mobilização. Realizado pelo Movimento pela Serra do Gandarela e pelo Bloco carnavalesco Pena de Pavão de Krishna, a programação foi iniciada às 9 horas da manhã, contando com um piquenique coletivo, pinturas corporais, exposições do ônibus Manuelzão e cantorias. O evento, porém, teve como foco a luta pela preservação das águas de Minas, com participação de diversas entidades ambientais, como Amigos da Serra do Curral, Abrace a Serra da Moeda, Coletivo Rejeito, Movimento Girassol, entre outros.

Os participantes do evento se reuniram para conversar com os canoístas da Expedição, que contaram da experiência de navegar o rio das Velhas 14 anos depois da primeira navegação. Ronald Guerra contou que, apesar das melhorias acontecidas desde 2003, a situação hídrica do rio das Velhas ainda é grave. "Eu participei de várias Expedições, mas digo logo: em ato de protesto, não navegarei mais no Velhas enquanto este cenário de devastação se mantiver".

Depois desse momento de bate papo, o Bloco Pena de Pavão de Krishna, juntamente ao Bloco Água Boa, de Raposos, iniciou um cortejo para finalizar o evento. Rafael Gonçalves, um dos responsáveis pelo grupo Água Boa, fez uma oração antes do grupo de músicos e foliões iniciarem a descida para o Parque Municipal. Os cantos e marchinhas, que possuíam temáticas relacionadas a água, inundaram o corpo – e a alma – dos presentes, que caminharam juntos, cantando e dançando até o final. A canção "É D'Oxum", do cantor nordestino Gerônimo, foi memorável em muitos momentos da Expedição e considerada a canção tema da jornada. ◆

E AGORA, **O QUE FAZER?**

MARCUS POLIGNANO
/coordenador do Manuelzão

FOTOS: OHANA PADILHA

UM PASSO A MAIS PARA A REVITALIZAÇÃO DO VELHAS

Como podemos medir a qualidade de vida de um rio? Dizer que ele está bem, transparece vitalidade ou agoniza lentamente no seu leito? Alguém poderá contestar se rios vivem e morrem. Mas como tudo na natureza é cíclico, os rios também o são. São formados pelo ciclo das águas e se perpetuam pela natureza dos solos que fazem brotar nascentes e afluentes que os alimentam.

Quantos rios que há 100, 50 ou 20 anos eram perenes e hoje se tornaram intermitentes e agonizam nos seus próprios leitos? Isso se dá em decorrência de ações antrópicas sobre o ambiente que vem provocando mudanças nas características básicas e essenciais da bacia necessárias para manter os rios vivos, como: solo permeável, preservação de áreas verdes, de recarga e matas ciliares, deposição de esgotos in natura e lixo. Estamos matando lentamente rios vivos e não nos damos conta disso.

Passada a Expedição 2017 podemos fazer algumas observações e tirar algumas conclusões. Para isso é importante termos alguma referência temporal para dizer do rio que tínhamos e do que temos hoje. Assim vamos retroceder 150 anos. Naquela oportunidade (1867), o cientista e explorador inglês Richard Burton fez o seguinte relato do embarque da sua expedição em Sabará: "A largura do leito do rio é de 108 metros... A navegação do rio das Velhas, que está começando, a porá em comunicação com o rio São Francisco, ela (Sabará) deverá tornar-se, com o correr do tempo, uma nova St. Louis no Missori". Ainda em suas cartas, Burton manifestou a esperança em ver o Rio das Velhas ser utilizado por navios a vapor e acentuou que a riqueza naquela região eram os grandes cardumes de peixes. "Quem visitar esses rios deve vir munido de caniços com os maiores anzóis de água doce, do contrário, os peixes que pesam mais de cinquenta quilos

o surpreenderão".

Portanto, não resta dúvida sobre a quantidade e qualidades das águas do rio das Velhas naquele tempo, e que ao longo da história foi se perdendo. Se tomarmos como referência Sabará, atualmente podemos observar que o leito do rio não passa de 30 metros de largura e que conseguimos atravessá-lo caminhando. Quando Burton por aqui navegou, ainda não existia Belo Horizonte e a Região Metropolitana, o ciclo do ouro estava em declínio e o grande ciclo do minério de ferro na região ainda não tinha atingido sua força total.

Em 2003, o Projeto Manuelzão voltou a fazer uma navegação pelo rio das Velhas, já numa situação bastante crítica em função da degradação produzida pelas ações antrópicas. Foi lançada, então, a Meta 2010 com o propósito de navegar, pescar e nadar no rio das Velhas com o objetivo final de revitalizá-lo.

Em 2009, uma nova Expedição foi realizada e constatou-se a volta dos peixes próximo a Região Metropolitana. Em 2017, a proposta foi retornar para dentro do rio, navegá-lo, mas desta vez, no Alto Velhas, um trecho que sofre pressões antrópicas e demanda pelo uso da água, o que tem provocado vazões críticas no período de estiagem, chegando a 10 m^3/s. Destes, a Copasa retira 6,5 m^3/s. O objetivo desta Expedição foi demonstrar que sem a proteção urgente dos mananciais que brotam do Sinclinal Moeda, do Gandarela, e das serras da região, o rio não conseguirá se manter vivo.

Podemos afirmar primeiramente que o rio das Velhas é um forte. Depois de tantos processos predatórios ele continua sobrevivendo, alimentando uma metrópole de 4,5 milhões de habitantes, permitindo a vida dos peixes, embora sofrendo com a destruição de áreas de recarga, a poluição de esgotos e minerária, e o descaso da maioria para com o rio da nossa aldeia. Ou seja, o rio é forte, mas não imortal. Vive atualmente uma anemia e um envenenamento crônico de suas águas. E se não tomarmos consciência desse processo, e mais do que isso, tomarmos atitudes reais, esse rio não terá chances de sobrevivência nos próximos 20 anos.

As Metas 2010-2014 foram um marco para iniciar o processo de revitalização do rio. As ações de saneamento foram decisivas para implementar as mudanças, com menção especial para a Copasa, com a implantação da Estação de Tratamento de Esgoto (ETE) Onça e o aumento da intercepção de esgotos da Região Metropolitana de Belo Horizonte; e para o SAAE de Itabirito que atualmente trata 70% do esgotos da cidade. Avanços importantes, mas ainda insuficientes para dar conta de toda carga de poluição recebida pelo rio. Desta forma somente existe um modo de revertemos esse quadro que é implantar imediatamente o Programa Revitaliza Rio das Velhas.

O epicentro da degradação continua sendo a Região Metropolitana de Belo Horizonte. Por isso, as ações de saneamento por parte da Copasa são essenciais para perseguir a meta de 100% de coleta, interceptação e tratamento dos esgotos das sub-bacias dos ribeirões Arrudas, Onça e Ribeirão da Mata. Assim como a coleta, interceptação e tratamento dos esgotos das sub-bacias dos ribeirões Água Suja, Caeté-Sabará e Jequitibá, incluindo a coleta, interceptação e tratamento dos esgotos das cidades de Sete Lagoas, Sabará, Nova Lima e o tratamento terciário nas ETEs Arrudas e Onça.

Por outro lado é preciso focar nos cursos d'água que ainda estão em bom estado e assim manter a preservação ou conservação da sub-bacia do Cipó/Paraúna, uma das principais reservas biológicas naturais da Bacia do rio das Velhas, e de outros afluentes de classe I e classe especial como os rios Prata, Pardo e Curumataí. No caso do Alto Rio das Velhas é fundamental consolidar a trama verde-azul criando um mosaico de unidades de conservação com corredores ecológicos da Serra da Moeda ao Gandarela e promover ações de proteção de nascentes e áreas de recargas.

E tudo isso deverá ser feito fortalecendo a Gestão ambiental e participação social buscando a integração do processo de Licenciamento e de Outorga ("gestão ambiental") com o respeito aos limites territoriais de bacia e ao enquadramento dos cursos d'água em Classes de qualidade, com as Licenças Prévias sendo atribuídas de forma conjunta e sincrônica entre Copam/URC e CBH Rio das Velhas. Para que isso ocorra é fundamental garantir que os afluentes mais gravemente poluídos sejam enquadrados como Classe II e os que estão em Classe I e Classe Especial assim se mantenham.

CARTA COMPROMISSO

Neste contexto, no encerramento da Expedição, o Comitê da Bacia Hidrográfica do rio das Velhas assinou com o governo do Estado de Minas Gerais, a Copasa e prefeitos de 16 cidades que fazem parte da Bacia, uma Carta de Compromisso com propostas de preservação do Rio.

A carta é um documento coletivo, que define a atuação sistêmica e coordenada de vários atores, com o objetivo de promover ações que garantam a segurança hídrica da Bacia Hidrográfica do Rio das Velhas, especialmente para a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Assinaram a Carta: o presidente do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio das Velhas, Marcus Vinícius Polignano, a presidente da Companhia de Saneamento de Minas Gerais (Copasa), Sinara Meirelles; os secretários de Estado de Cidades e de Integração Regional (Secir), Carlos Moura Murta; de Cultura (SEC), Angelo Oswaldo; de Transportes e Obras Públicas (Setop), Murilo Valadares; a diretora do Instituto Mineiro de Gestão das Águas (Igam), Maria de Fátima Dias Coelho; o presidente da Fundação Estadual do Meio Ambiente (Feam), Rodrigo Teixeira e a representante da sociedade civil, Ivana Eva Novaes de Sousa.

Além dos prefeitos de Caeté, Lucas Coelho; de Capim Branco, Elmo Alves do Nascimento; de Congonhas do Norte, Nelmar de Moraes Franco; de Corinto, Sócrates de Lima Filho; de Curvelo, Maurílio Guimarães; de Itabirito, Alexander Salvador de Oliveira; de Jequitibá, Humberto Reis; de Lassance, Paulo Elias; de Morro das Garças, José Maria de Castro Matos; de Monjolos, Geraldo Eustáquio Maia da Silva; de Presidente Juscelino, Ricardo de Castro Machado; de Prudente de Moraes, José Roberto Filho; de Rio Acima, Maria Auxiliadora Ribeiro; de Sabará, Vander Borges; Santana do Riacho, André Ferreira Torres e o vice-prefeito de Baldim, Alex Vander. ◆

COMUNIDADE SALVA CÓRREGO

Mudando a realidade; quando a comunidade unida conhece e defende suas águas

RENATO CRISPINIANO

O CÓRREGO MACHADO PODE SER UMA OPÇÃO PARA A SITUAÇÃO DO ABASTECIMENTO EM SETE LAGOAS

Os córregos e ribeirões desempenharam papel essencial na estruturação das paisagens urbanas e consolidam uma conexão entre seus mais variados usos. Ao longo do tempo, eles se tornaram agentes do desenvolvimento das cidades, pois a população serve-se destas águas. Motivados pela importância desses cursos d'água e inconformados com a possibilidade de degradação do córrego do Machado, em Sete Lagoas, devido ao esgotamento sanitário que seria lançado direto no curso d'água por uma construtora, moradores do Vale do Machado se uniram para mudar o final desta história. A conscientização e a luta começaram com um grupo de proprietários rurais que se uniram em uma associação - Associação dos produtores rurais do Vale do Córrego Machado (Aprovacom), para defender e salvar o córrego.

As intervenções começaram com pequenas ações, a exemplo de reuniões com os moradores. O resultado foi a promoção da consciência ambiental e a restauração de um bem de importância fundamental para a região, a água limpa do córrego. "Temos um patrimônio que será muito importante para a futura geração. A demanda por água é crescente em nosso município e é nossa obrigação preservar esse manancial", ressaltou ngelo Pacelli, um dos iniciadores da associação e proprietário de um sítio às margens do Machado.

Segundo Pacelli, que também é integrante do Subcomitê de Bacia Hidrográfica Ribeirão Jequitibá, a situação que viveram foi preocupante. "Começaram as obras de um loteamento numa área de encosta na margem direita do córrego Machado, naquele momento, ainda não sabíamos qual era o tamanho dos lotes e qual era a solução do esgotamento. Quando terminaram as obras fomos surpreendidos ao saber que um tubo ligaria a Estação de Tratamento de Esgoto à borda do córrego Machado. Pensar nesta cena e na poluição do córrego nos entristeceu muito", disse.

"Percebemos naquele momento que a intenção do empreendedor era despejar o resíduo de esgoto de 500 pessoas nas águas limpas do córrego Machado. Sendo que abaixo do ponto de lançamento havia onze propriedades, que utilizam desta água para vários fins. Houve um erro muito grave no processo de licenciamento. Não houve consulta a nenhum dos vizinhos que seriam prejudicados pelo lançamento dos resíduos", comentou.

Ainda, de acordo com Pacelli, a solução inicial foi procurar os órgãos ambientais, a prefeitura, o CODEMA, o Ministério Público e o IGAM. "O Projeto Manuelzão que foi um de nossos articuladores frente ao problema. Procuramos também a Câmara Municipal e conseguimos articular uma Audiência Pública. Ela foi realizada em maio e contou com a participação dos moradores e do empreendedor que entendeu a gravidade do caso e se propôs a modificar o projeto inicial do loteamento direcionando o resíduo para outro ponto".

Como informou, através da luta da comunidade, foram preservados 800 metros de água limpa do córrego Machado. "O que significa a possibilidade de recuperação do restante do córrego, como se fosse o estancamento de um processo de degradação", afirmou ngelo ao ressaltar que a luta da comunidade continua, pois descobriram que através da mobilização eles têm condições de mudar a realidade e promover a recuperação do restante do Córrego Machado até sua foz no Ribeirão Matadouro, que é o principal afluente do Ribeirão Jequitibá. "Atualmente estamos aguardando o encaminhamento do Ministério Público. A Câmara Municipal já providenciou o envio de todo o material da audiência ao promotor público e assim esperamos tanto um acordo formal perante o Ministério Público, como a efetivação da mudança do projeto pelo empreendedor".

CÓRREGO MACHADO

O córrego Machado é atualmente o principal afluente do Ribeirão Matadouro, sua topografia é privilegiada, está na cabeceira do município, em uma conformação das encostas, que são íngremes, o que dá ao curso d'água a capacidade de ser no futuro um manancial fundamental para Sete Lagoas. "Temos aqui um reservatório de praticamente três quilômetros de extensão com uma média de 100 metros de largura, onde podemos acumular uma lâmina d'água de no mínimo três metros. Isso é muito representativo para nosso município. E ele não pode abrir mão desse patrimônio", alerta Pacelli.

Segundo ele, para que esse manancial seja preservado é fundamental que a ocupação das suas margens seja planejada. "Nestas áreas se localizam a maioria das nascentes. O que se vê atualmente é que os interesses econômicos sobressaem sobre o ambiental, por isso temos que nos mobilizar para que estas áreas sejam protegidas. Precisamos nos articular institucionalmente e envolver nesta articulação todas as autoridades responsáveis pelo meio ambiente", disse ao defender que a conscientização tem que acontecer a partir da comunidade. "As pessoas têm que se conscientizar que a existência das propriedades rurais precisa de um viés ecológico. Cada proprietário rural tem que estar consciente da função ecológica de sua propriedade. Eles precisam perceber que a solução não está longe, está na organização social e fica mais forte quando mais pessoas se unem em torno de uma causa". ◆

SUBCOMITÊS **INCOMODAM?**

ROGÉRIO SEPÚLVEDA
/presidente do CBH Rio das Velhas (2007-2012)

No dia 28 de junho, participei como convidado do VI Encontro anual de Subcomitês da Bacia do Rio das Velhas, que discute as principais questões da bacia. Infelizmente, o principal tema tratado não foi relativo aos projetos hidroambientais realizados a partir da proposição dos Subcomitês. Pelo contrário, o cerne da discussão foi a revisão do Regimento Interno do Comitê, imposta pelo Jurídico do IGAM, retirando os Subcomitês da composição oficial do CBH Rio das Velhas. As alegações para esta mudança diziam que eles não constam do decreto de criação do CBH e "sua existência poderia vir a gerar despesas adicionais não previstas pelo sistema". Ao longo de 13 anos, a partir da proposição aprovada pelo Comitê em 2004, foram criados 18 subcomitês e nesse período, seus integrantes têm colaborado nas discussões da bacia e, pode-se afirmar, economizam recursos, pois, voluntariamente, ajudam na elaboração dos projetos hidroambientais em suas respectivas sub-bacias.

Mas o que está por trás dessa aparente simplista discussão dos departamentos jurídicos do Estado? Será que também vivenciamos uma escalada de retrocessos bem articulados e capitaneados pelas estruturas "ocultas" que viabilizaram o golpe político parlamentar de 2016? É claro que vivenciamos retrocessos em conquistas sociais e ambientais, fruto da preponderância dos critérios econômicos sobre os sociais e ambientais.

O suposto equilíbrio de forças proposto nas composições de conselhos ambientais e de recursos hídricos, não modifica ou reduz a preponderância das decisões pró-empresas e faz com que as decisões se configurem como um rito com atos pré-determinados simulando um processo democrático e participativo. Isto se faz notável nos processos de licenciamento de grandes empreendimentos. O maior crime socioambiental da história do país, que afetou drasticamente a Bacia Hidrográfica do Rio Doce, é uma triste comprovação dessa dissonância entre licenciamento ambiental e os questionamentos colocados pelas comunidades afetadas e movimentos socioambientais. A população de Mariana/MG, segundo relatos, já alertava para os riscos do rompimento da barragem, alerta reafirmado por moradores que trabalharam na construção do barramento. Se as comunidades e trabalhadores tivessem sido ouvidos, hoje não estaríamos lamentando todas essas perdas incomensuráveis e irreparáveis.

Não tenho a expectativa de que essas perdas venham sensibilizar os diretores e acionistas das empresas envolvidas, nem de seus representantes em conselhos, a maioria com pouco preparo e sensibilidade socioambiental. Esperava mais do poder público, na proposição de uma radicalização em relação aos processos de licenciamento, principalmente em relação à priorização de princípios essenciais a uma vida social e ambientalmente equilibrada.

Em relação à gestão descentralizada e participativa, a adoção dos Subcomitês, a contragosto de alguns setores, atende a esse princípio fundamental da Lei das Águas, permitindo descentralizar a gestão por meio de discussões no âmbito das sub-bacias. Destaca-se nesse caso o CBH Rio das Velhas que em 2004, a partir da proposição do Projeto Manuelzão, aprovou deliberação possibilitando a criação de Subcomitês em sub-bacias. Para os setores que se opõem a essa atuação descentralizada e participativa, não interessa que as questões e problemas venham a ser debatidos "na base", ou seja, próximo daqueles sujeitos que serão afetados por empreendimentos, pelo mau uso de recursos hídricos, etc. E esse tem sido um resultado obtido pelo funcionamento dos subcomitês, o de encurtar a "distância" entre a Capital, lócus máximo de poder, e os pontos mais isolados da bacia.

Esse encurtamento de distâncias e os depoimentos sobre a realidade local enfraquecem os argumentos "técnicos" de segurança e os supostos benefícios que as atividades a serem licenciadas e ou-

RENATO CRISPINIANO

OS SUBCOMITÊS SÃO FUNDAMENTAIS PARA O CBH RIO DAS VELHAS

torgadas trazem para essas comunidades. Novamente, o crime socioambiental na Bacia do Rio Doce vem nos mostrar essas contradições e incongruências entre realidade vivida e argumentos técnicos que escondem os reais interesses do grande capital. Em minha participação como conselheiro do CBH Rio das Velhas, presenciei várias discussões de câmaras técnicas sobre a pseudo segurança vendida como infalível a partir dos relatórios técnicos contratados pelas empresas, posteriormente contestados, infelizmente pelos acidentes ocorridos, como rompimento de barragens, secamento de nascentes e degradação social de pequenas comunidades pela chegada dos milhares de empregos temporários.

Essa forma de atuar nos Conselhos e em suas Câmaras Técnicas é colocada 'em xeque' quando a discussão sai da Capital e se aproxima daqueles especialistas dos lugares concretos, aqueles que conhecem as dinâmicas naturais, sociais e culturais dos locais onde vivem. Essa tem sido prática adotada pelo Comitê consultando os Subcomitês nos processos de outorgas.

Recentemente, o CBH se deparou com mais uma investida, quando o IGAM se manifestou pela ilegalidade dos Subcomitês como integrantes da composição do CBH com o argumento de que tal vinculação poderia acarretar despesas não previstas na lei, por exemplo, "o pedido de diárias para integrantes desses grupos". Esse pedido jamais ocorreu, e caso ocorresse, seria ínfimo comparado com as altas despesas decorrentes da falta de racionalidade no uso dos recursos aplicados em alguns projetos contratados pela Agência. Economizaria muito mais se o IGAM "ajudasse" a Agência a consolidar junto à Advocacia Geral do Estado de Minas Gerais (AGE), práticas de uso racional dos recursos que pudessem aproveitar as estruturas disponíveis em prefeituras e demais órgãos de estado (sinergia) sem ficar amarrada à Lei 8666/93.

Analisando a partir de uma perspectiva mais ampla e sistêmica pode-se questionar o seguinte: o porquê dessa predisposição a enfraquecer grupos consultivos e propositivos (que nem são deliberativos) que atuam em toda a Bacia? A resposta está no movimento que essa participação descentralizada representa, ou seja, ela fortalece os atores locais e expõe as várias contradições dos processos decisórios centralizados e que expressamente atendem a interesses de setores específicos. Finalmente, cabe mais uma questão de fundo: quantos crimes socioambientais serão necessários para que a sociedade veja seu papel de protagonista nessa decisão sobre qual rumo queremos para nosso país e nossas vidas? ◆

SUBCOMITÊS SOBREVIVEM

A Plenária do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio das Velhas ocorrida no dia 29 de junho, na Assembleia Legislativa de Minas Gerais, aprovou a manutenção dos Subcomitês no Regimento Interno da entidade, em acordo com o IGAM. Atualmente eles estão em outro capítulo; formas de apoio à estrutura. "Apesar da mudança na forma, mantemos na essência aquilo que queríamos a autonomia plena do CBH e a presença dos subcomitês no regimento", afirma o presidente do Comitê, Marcus Vinícius Polignano.

MINERAÇÃO AVANÇA SOBRE A SERRA DO CURRAL

NÃO DEIXEM QUE DESTRUAM NOSSO PRINCIPAL CARTÃO POSTAL